

PREVENÇÃO PRIMÁRIA DAS TOXICODEPENDÊNCIAS: GRUPO DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL DE INSPIRAÇÃO PSICODRAMÁTICA

JOANA BARROSO COUTINHO

RESUMO: O presente artigo tem como objectivo partilhar uma experiência de intervenção no âmbito da prevenção primária das toxicoddependências, realizada junto de um grupo de jovens em situação de risco. Com o propósito de aumentar os factores protectores e diminuir os factores de risco associados às toxicoddependências, desenvolveu-se com o grupo uma intervenção inspirada no Modelo do Psicodrama Moreniano. O artigo pretende descrever esse trabalho e reflectir sobre intervenções junto de grupos de jovens ditos problemáticos e sobre as vantagens da utilização do Modelo do Psicodrama Moreniano no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos e na prevenção primária das toxicoddependências.

Palavras-chave: Prevenção; Jovens; Factores de risco; Crescimento; Psicodrama.

RÉSUMÉ: Le présent article à pour objectif l'échange d'une expérience d'intervention au niveau de la prévention primaire des toxicomanies, réalisée auprès d'un groupe de jeunes en situation de risque. Ayant pour but l'augmentation des facteurs protecteurs et la diminution des facteurs de risque associés aux toxicomanies, l'intervention réalisée a été inspirée par le Modèle du Psychodrame Morenien. L'article prétend décrire ce travail et réfléchir sur les interventions auprès des groupes de jeunes considérés problématiques et sur les avantages de l'utilisation du Modèle du Psychodrame Morenien dans le développement personnel et social des individus et dans la prévention primaire des toxicomanies.

Mots-clé: Prévention; Jeunes; Facteurs de risque; Développement; Psychodrame.

ABSTRACTS: The present article aims to share an intervention experience in the ambit of the primary prevention of drug addiction, performed near a group of risky-situation youth. With the purpose of increasing the protective factors and decreasing the risky factors connected to drug addiction, an intervention with the group has been developed inspired in the Moreniano Psychodrama Model. The article wants to describe the work and to reflect on interventions in groups with problematic youngsters and about the advantages of the use of Moreniano Psychodrama Model in the personal and social development of persons and in the primary prevention of drug addiction.

Key Words: Prevention; Youth; Risk factors; Development; Psychodrama.

1. ENQUADRAMENTO

O projecto traduz-se numa experiência de intervenção, na área da prevenção primária das toxicodependências, junto de um grupo de jovens do Bairro da Gandra, freguesia de S. Pedro da Cova, Concelho de Gondomar.

A intervenção ocorre durante o ano 2000 e emerge de um diagnóstico elaborado por técnicos locais que alertavam o serviço – na época, Núcleo Distrital do Porto do Projecto VIDA – para a existência de um território problemático, que nos remetia para a necessidade de uma intervenção prioritária.

A intervenção desenvolvida inspirou-se no Modelo do Psicodrama Moreniano, tendo ficado a meu cargo a sua execução técnica, auxiliada por uma colega, Maria Amélia Pimenta, com formação em psicologia e em psicodrama, que funcionou durante as sessões, a título voluntário, como Ego Auxiliar.

2. CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO DE INTERVENÇÃO

No interior de S. Pedro da Cova, freguesia do Concelho de Gondomar, situa-se o Bairro da Gandra, local onde decorreu, durante cerca de um ano, a intervenção agora descrita. Do ponto de vista físico o Bairro era composto por um pequeno aglomerado de casas individuais, dispostas em banda. Nem todas as casas possuíam as desejáveis condições de salubridade. A população, sendo homogénea socioeconomicamente, apresentava culturalmente características distintas, fruto de um processo de realojamento massificado. A nível familiar, conviviam famílias alargadas, monoparentais e de recasamento. O desemprego de longa duração e o trabalho precário, fundamentalmente na construção civil, associavam-se ao baixo nível de escolaridade. Foram identificados neste território grupos de adolescentes e jovens que tinham abandonado o sistema educativo há mais tempo que o desejado, quer por práticas de absentismo reiteradas quer por insucesso escolar repetido. Alguns destes jovens dedicavam-se de forma pontual, estratégica e envergonhada à construção civil. A passagem pelas “obras” não fazia parte de qualquer projecto pessoal de integração na vida activa. Trabalhar, ou antes, “fazer uns biscates aqui e ali” tinha apenas a função vicariante de

conseguir, no imediato, algum dinheiro para as necessidades menos irrecusáveis. Avaliando os investimentos efectuados, o prazer imediato ocupava o lugar de eleição. O dinheiro servia fundamentalmente para gastar em contextos lúdicos (salas de jogos, discotecas, romarias) e em substâncias psicoactivas, fundamentalmente haxixe e pontualmente *ecstasy*.

Aprofundando a caracterização destes jovens (a nível individual, familiar e social), que mais tarde constituíram a nossa população alvo de intervenção, verifica-se que alguns deles possuíam problemas com a justiça pela prática de actividades ligadas ao pequeno furto e à delinquência juvenil, efectuavam alguns consumos de substâncias, das quais se destaca o álcool e o haxixe e tinham práticas de pequeno tráfico. Eram jovens que evidenciavam expectativas de sucesso e de riqueza fáceis, não possuíam referências familiares positivas e facilitadoras da construção de projectos de vida pessoais estruturados e consistentes, revelavam ainda uma crença de ineficácia pessoal em muitas áreas de vida e ausência de suporte e regras familiares.

3. O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO GRUPO

Numa fase preliminar foi elaborada uma lista, composta por 15 elementos (14 de sexo masculino e 1 do sexo feminino) com idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos. A lista foi efectuada por um grupo de técnicos de intervenção social que actuava no Bairro através de uma associação lá sediada e incluía os jovens que poderiam beneficiar de uma intervenção, dadas as suas características individuais e sócio-familiares.

Desta lista, provisória, foram escolhidos apenas 10 elementos (um do sexo feminino e 9 do sexo masculino). A selecção teve como critério uma maior proximidade etária (13-15 anos) entre os jovens, de forma a conseguir uma maior uniformidade do grupo a nível desenvolvimental, de interesses e de objectivos.

Numa parceria com as técnicas da Associação “Ser Criança”, apresentou-se aos dez jovens a proposta de intervenção (objectivos das sessões, características e regras de funcionamento). Pretendia-se desenvolver um trabalho continuado no tempo; implementar estratégias que

permitissem desenvolver competências pessoais e sociais e tornassem os jovens internamente mais resistentes às dificuldades colocadas pelo processo de crescimento; trabalhar o passado o presente e o futuro; construir e definir projectos pessoais a curto e a médio prazo; promover expectativas de sucesso realistas, trabalhar a escola, a família, os amigos, o bairro, a profissão.

As sessões decorreram semanalmente, ao longo de aproximadamente um ano. Realizaram-se numa sala das instalações da Associação “Ser Criança”, parceira a nível logístico e de diagnóstico neste projecto de intervenção.

4. OS FACTORES DE RISCO E DE PROTECÇÃO NA PREVENÇÃO PRIMÁRIA DAS TOXICODPENDÊNCIAS

Inscrevendo este quadro de histórias de vida no racional teórico que subjaz ao trabalho de prevenção primária das toxicodpendências, facilmente se constata estar perante um grupo de pessoas que vivenciava diariamente situações claramente de risco, a nível individual, familiar e psicossocial, potenciadoras ou precipitadoras de comportamentos de risco.

Se os factores de risco estavam facilmente visíveis, era também necessário averiguar da existência ou inexistência de factores protectores. Aqueles que, quando presentes, podem conseguir neutralizar os ditos factores de risco e impedir que o indivíduo sucumba. Na realidade, muito poucos eram os jovens que possuíam uma auto-estima razoável, expectativas de sucesso realistas, capacidade de projecção no futuro, crenças de auto-eficácia, famílias onde existiam regras mínimas de funcionamento, intimidade e contentoras de afectos.

Era necessário dar uma resposta institucional, mas naquele contexto, com reconhecidos factores de risco e algumas situações de consumos efectivos de substâncias, a simples sensibilização dos jovens para práticas de vida saudáveis e a promoção da saúde na sua generalidade, já não eram estratégias suficientes. Era fundamental trabalhar com todos e com cada um dos indivíduos a um nível mais subterrâneo, profundo e estruturado. A intervenção preventiva tinha que ser mais selectiva ou indicada, desenhando uma actuação continuada no tempo (em termos de duração e frequência), mais grupal ou mais

individualizada, que encarasse a pessoa na sua complexidade bio-psico-socio-educativa e actuasse em pelo menos cinco áreas fundamentais, a saber: área das drogas (fornecimento de informação correcta, científica e objectiva sobre drogas e seus efeitos, análise dos diferentes padrões individuais de consumo, interpretação do significado desses consumos), área do desenvolvimento pessoal e sócio-relacional, (trabalhar aspectos como a auto-estima, as crenças de auto-eficácia, as expectativas pessoais, os projectos de vida, a capacidade de resistência às frustrações, os afectos, a capacidade de relacionamento interpessoal, a assertividade, a família, os amigos), área formativa (avaliar o papel da escola, o percurso escolar e uma possível reintegração), área dos tempos livres (trabalhar os momentos de ócio sugerindo actividades alternativas aos consumos, aos actos delinquentes e marginais), numa abordagem ora mais centrada nas vivências do grupo enquanto um corpo em interacção, ora mais centrada nas vivências individuais de cada elemento desse grupo.

Ao longo dos anos, têm sido implementados vários programas de desenvolvimento pessoal e social, junto de grupos de jovens e suas famílias, habitualmente realizados em contexto de sala de aula, uns mais cognitivo-comportamentais outros de natureza mais ecológico-desenvolvimental e que têm demonstrado eficácia na prevenção primária das toxicodpendências. A opção neste caso foi, porém, diferente. Visando o desenvolvimento pessoal e social dos jovens, atendendo aos objectivos, às características do grupo e às problemáticas a trabalhar optou-se pelo Modelo do Psicodrama Moreniano. Pessoalmente, era uma experiência inovadora e desafiante ao permitir aliar os conhecimentos de psicodrama ao trabalho desenvolvido na prevenção primária das toxicodpendências.

Considerou-se o modelo particularmente interessante para o grupo em questão por valorizar uma estratégia claramente centrada na acção/dramatização. Mais do que pôr os jovens a falar sobre si e sobre os seus problemas (o que habitualmente estão treinados a fazer), estes seriam convidados a representá-los (o que seria muito mais espontâneo e vivo). Com as dramatizações, o passado o presente e o futuro poderiam ser chamados ao aqui e agora e trabalhados, naquele instante, pelo grupo. As principais técnicas do psicodrama, como a inversão de papéis, o

solilóquio e a interpolação de resistências permitiam aumentar a capacidade de auto e hetero focalização, ao mesmo tempo que eram atractivas atendendo à faixa etária do grupo. A possibilidade de compatibilizar o modelo e as técnicas com outros dispositivos, mais psicoterapêuticos ou mais pedagógicos, como a representação por estátuas, os jogos dramáticos e a psicodança, também facilitou a escolha do modelo de intervenção. Finalmente tratava-se de uma intervenção em contexto grupal, o que constituía uma incontornável mais valia no processo de crescimento individual.

5. O MODELO DO PSICODRAMA MORENIANO ENQUANTO INSPIRAÇÃO PARA A INTERVENÇÃO

A origem do psicodrama está incontornavelmente ligada à vida e obra de JACOB LEVI MORENO (1925). Apreciador desde sempre de um estar existencialista e fenomenológico, amante da vitalidade, criatividade e espontaneidade humanas, defensor das relações interpessoais verdadeiras e autênticas, é nesta “amalgama” epistemológica que se inscreve o psicodrama e o sociodrama, emanados das teorias filosóficas, sociológicas e psicológicas que o próprio Moreno também reescreveu a partir dos vários anos de experiência de trabalho com pessoas, com grupos e com massas. O psicodrama e o sociodrama desenvolvem-se ainda a partir de outras duas criações suas, respectivamente o Teatro da Espontaneidade (*Die Stregreiftheater*) – teatro sem guião pré-definido, sem actores fixos, sem cenário montado - e o Jornal Vivo ou Jornal Dramatizado, de onde se extraíam os temas para as dramatizações. Tanto no teatro da Espontaneidade como no Jornal Dramatizado, Moreno elaborava um teste à capacidade criativa, emotiva, espontânea e de improviso dos actores/intervenientes e do público, numa intencionalidade ora mais terapêutica, ora mais educacional e pedagógica.

Psicodrama e sociodrama comungam das mesmas técnicas mas distinguem-se quanto à pessoalidade ou à comunidade dos papéis. Falamos de psicodrama quando dramatizamos os nossos próprios papéis. Estamos perante um sociodrama quando em palco se dramatizam as vivências e papéis comuns às pessoas do casal, da família ou do grupo (uma turma, um conjunto de profissionais, uma equipa desportiva).

Claramente influenciado pelo teatro, Moreno definiu para o psicodrama e sociodrama cinco instrumentos (protagonista, director, egos auxiliares, auditório, cenário), três etapas (aquecimento, dramatização, comentários), três contextos (social, grupal e dramático) e várias técnicas (solilóquio⁽¹⁾, inversão de papéis⁽²⁾, interpolação de resistências⁽³⁾, estátua⁽⁴⁾, espelho⁽⁵⁾, entre outras) com aplicação na psicoterapia, na educação, na formação, na pedagogia, com vista ao crescimento pessoal e social dos indivíduos, que Moreno avalia a partir do seu conceito de espontaneidade (capacidade de dar uma resposta adequada a uma situação nova ou uma resposta nova a uma situação antiga).

6. GRUPO DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL DE INSPIRAÇÃO MORENIANA

Nas sessões com os jovens procurou-se respeitar, sempre que possível, os cinco instrumentos, as três etapas e os três contextos definidos por Moreno. Destaca-se sempre que possível, uma vez que, inicialmente, não era totalmente clara para aqueles jovens – para quem o cumprimento de regras é um aspecto muito distante do seu quotidiano – a necessidade de respeitar algumas normas em prol do profícuo desenvolvimento do grupo.

Todos os instrumentos propostos por Moreno estiveram presentes. Em cada sessão havia protagonista(s), o jovem ou os jovens que traziam uma questão pessoal para trabalhar ou, todo o grupo, quando de um sociodrama se tratava. Como em qualquer sessão de psicodrama ou sociodrama, existia uma pessoa responsável pela condução da sessão – o director – e uma outra pessoa, também com formação em psicodrama, que ajudava o director na montagem das cenas – o ego auxiliar. O director e o ego compunham a unidade funcional terapêutica ou pedagógica.

Tentou-se a partir dos recursos materiais existentes recriar o *setting* psicodramático. Não se dispunha de uma típica sala de psicodrama, mas Moreno em nada se oporia ao comportamento de adequação da resposta ao contexto presente. Apesar da sala ser mais ampla que o desejável dispuseram-se as cadeiras à volta de um espaço quadrangular, definido pela presença de um tapete, o qual se designou de cenário ou palco e que constituía um espaço de criatividade e espontaneidade para as

dramatizações, dinâmicas, jogos e outras acções. Finalmente, o auditório, composto por todos os elementos do grupo que, em determinado dia, não haviam sido protagonistas.

No início de cada sessão, durante um período que habitualmente poderia ser de 30 a 45 minutos, o grupo comentava aspectos relativos à sessão anterior que entendesse oportuno e trazia outros temas que considerasse pertinentes, actuais ou prementes.

Todos os temas eram abordados de forma livre, embora sob a dinamização do director. A esta fase Moreno chamou de aquecimento. Muitas vezes recorreu-se à utilização de “jogos específicos de aquecimento” que permitiam pôr o grupo a interagir e facilitavam a emergência de temas e protagonista(s).

Seleccionado(s) o(s) protagonista(s) entrava-se na dramatização/acção. Era o momento da criatividade e espontaneidade supremas. Durante várias sessões foram trabalhados sociodramaticamente (dramatização grupal de assuntos de interesse comum) temas relacionados com a família, o bairro, o namoro, as expectativas futuras, as relações conjugais, a escola, o significado dos consumos, o trabalho/emprego, recorrendo ao manejo das técnicas específicas, com especial destaque para as estátuas, a inversão de papéis, o solilóquio e a interpolação de resistências.

Chamou-se fase de dramatização/acção, uma vez que as dramatizações (à luz do conceito Moreniano) davam, pontualmente, oportunamente lugar a outro tipo de acções ou actividades como sessões de relaxamento, jogos para trabalhar a gestão de conflitos, a agressividade, a coesão grupal, o relacionamento interpessoal, a capacidade de efectuar escolhas, a criatividade, a imaginação. Este segundo momento foi igualmente aproveitado para efectuar sessões de informação e esclarecimento, a pedido dos jovens, sobre temas como as drogas, a sexualidade, as doenças sexualmente transmissíveis. O cenário foi também palco de “jogos de futebol” improvisados, “jogos das cadeirinhas” ou “jogos da cabra cega”, aparentemente “disparatados” e desprovidos de intencionalidade pedagógica, mas que na realidade iam ao encontro das motivações do grupo no momento – o que é de primordial importância respeitar – podendo do ponto de vista psico-educativo ser trabalhados em prol dos objectivos desenvolvimentais

previamente traçados.

Pontualmente realizaram-se sessões de psicodrama, sempre que elementos do grupo traziam para o colectivo questões de carácter pessoal, exteriores ao grupo, causadoras de sofrimento e que pretendiam ver trabalhadas naquele contexto.

Periodicamente era realizada uma avaliação, para aferir o modo como cada elemento percepcionava a sua presença no grupo e a importância do grupo no seu desenvolvimento pessoal. Esta avaliação era efectuada recorrendo a jogos sociométricos combinados com técnicas do psicodrama.

As sessões terminavam após um período de comentários, que ocorria imediatamente depois das dramatizações/acções. Tratava-se de um período de partilha e reflexão, centrado no(s) protagonista(s) em acção e aberto ao grupo. Aos jovens foi explicada, à partida, a importância da confidencialidade para o funcionamento do grupo. Foi ainda explicada a necessidade de respeitar e perceber as diferenças, em termos de forma e conteúdo, inerentes aos contextos social (antes da sessão começar), grupal (durante o aquecimento ou na fase dos comentários) e dramático (quando o protagonista está a dramatizar).

Um Relato

A título ilustrativo, recorda-se uma sessão cuja temática dominante foi a questão das expectativas (em sentido genérico). O mote tinha sido dado por um jovem, R., que se apresentava “aborrecido” por ter sido confrontado, pelos pais, com a necessidade de ter que ir trabalhar. As razões para este desconforto foram aprofundadas durante o período de aquecimento. O director foi tentando perceber o que sentia e o que pensava o jovem relativamente à referida questão, como passava habitualmente o seu tempo, que expectativas tinha relativamente a si próprio, para o presente e futuro. Os restantes elementos do grupo foram convidados a participar, particularmente aqueles que, de alguma forma, se identificavam com a questão trazida pelo colega. Constatou-se que a maior parte dos jovens passava os dias a vaguear pelo bairro, a “jogar máquinas” ou a “jogar à bola”, a passear em carros – sem carta de condução – que tomavam de assalto. Alguns deles pontualmente faziam trabalho de trolha ou mecânico. Não possuíam quaisquer projectos pessoais, a médio e a longo prazo. Rapidamente se percebeu que a temática era muito mais partilhada do que exclusiva de quem a evocou. A falta de projectos e de expectativas pessoais, profissionais, sociais perpassava os diferentes elementos do grupo, ainda que com intensidades de preocupação distintas.

Propôs-se-lhes então que ocupassem o espaço destinado à dramatização e, com o ego auxiliar (EA), “jogassem” a dinâmica da “Loja Mágica”. Na “Loja Mágica” vendiam-se “sonhos”, materializados em panos coloridos, aos quais iriam corresponder desejos ou expectativas dos elementos do grupo. Foi-lhes proposta uma “viagem” até ao cenário sugerido e a “compra”, ao “vendedor de sonhos” (representado pelo EA), de um único desejo ou expectativa – uma mudança interna, um objecto, uma pessoa, um sentimento, um acontecimento, uma situação – para o futuro próximo. Um a um, o EA tentou negociar os pedidos, solicitando para si, em troca, situações, objectos, sentimentos que sabia serem importantes para a pessoa em questão (ex. “Eu posso dar-te uma namorada, mas, em troca, peço-te muita da tua liberdade”). Quando os jovens evidenciaram dificuldades em negociar os seus desejos (ganhar o *totaloto*, ser jogador de futebol profissional, ser corredor de automóveis, casar, sair de casa, ir para a Suíça trabalhar com o irmão mais velho), o director solicitou-lhes solilóquios (pensamentos em voz alta) acerca do que pensavam e sentiam, no momento. Foi-lhes também pedido, individualmente, um diálogo com o referido desejo e uma inversão com ele, isto é, uma colocação e uma reflexão no papel ou na perspectiva desse mesmo desejo.

“O que dirias ao teu desejo?”

“Gostava de conseguir-te” (leia-se ir para a Suíça)

“O que achas que ele te diria?”

“Tens que esperar. Só tens 14 anos. Aqui (na Suíça) ganha-se bem, mas trabalha-se muito”.

Todos os elementos do grupo participaram na dramatização. Todos foram protagonistas.

A sessão terminou após um período de comentários, primeiramente dos jovens, seguido dos do EA e do director. Nos comentários, alguns jovens referiram dificuldades na realização da tarefa, atribuindo-as ao facto de não terem o hábito de reflectir sobre si próprios e sobre o futuro. Outros realçaram maiores incómodos quando confrontados com o processo de negociação, assumindo que é mais fácil “desejar” quando em causa não está uma “perda” (entenda-se escolha, investimento e esforço pessoais). R. considerou que a sessão tinha sido particularmente importante uma vez que, segundo disse, “permitiu pensar na vida que levo”. A unidade funcional (director e EA) encerrou a sessão, comentando – principalmente face ao que sentiu na dramatização, mas também no resto da sessão – de modo acessível e recorrendo a exemplos concretos, de que forma a dinâmica terá sido útil para o grupo e para cada elemento em particular, ao ter proporcionado a auto-reflexão, o questionamento de mitos e estereótipos, a expressão de sentimentos (principalmente através do solilóquio), a perspectivização e a projecção no futuro, a confrontação com a importância de ter-se objectivos, de avaliar-se as vantagens e desvantagens inerentes ao processo de escolha (fundamentalmente através da técnica da inversão), de estabelecer-se prioridades e de efectuar-se opções. Relativamente a R. a sessão tinha sido especialmente tocante pela actualidade da temática.

7. NOTAS REFLEXIVAS

O projecto procurou ser uma intervenção a nível da prevenção primária das toxicodependências, realizada no âmbito de actuação de um serviço público directamente vocacionado para o efeito. O primeiro objectivo consistia em tentar eliminar ou diminuir o contacto que o grupo de jovens vinha tendo com a realidade das toxicodependências.

Uma vez que a génese dos consumos se inscreve fundamentalmente na relação dinâmica estabelecida entre factores de risco e factores protectores ao longo do desenvolvimento humano, a intervenção procurou num primeiro momento conhecer a população alvo a este nível e, posteriormente, aumentar os factores protectores em défice e diminuir os factores de risco existentes.

Recorreu-se ao Modelo do Psicodrama Moreniano, com técnicas e procedimentos próprios, para trabalhar as dimensões individual, familiar, sócio-afectiva numa perspectiva de crescimento interno. No entanto, a natureza deste tipo de grupos (adolescentes, nada habituados a cumprir regras, desafiadores, criativos, enérgicos) requer do técnico flexibilização, criatividade e originalidade, na orientação das sessões. Ao longo do tempo, foi possível constatar não ser viável rigidificar em aspectos de ordem processual e formal inerentes a qualquer modelo de intervenção adoptado, de forma a cumprir uma intervenção "by the book". O sucesso da intervenção com adolescentes e jovens "obriga" o técnico a estar em sintonia com os seus interesses e motivações e daí retirar o material necessário para o trabalho que pretende desenvolver. Se no momento a motivação é jogar futebol, então jogue-se e analise-se o espírito de equipa, as lideranças, os conflitos, as relações de poder, a partilha, o ganhar e o perder, por exemplo.

As flutuações do envolvimento e da dinâmica dos grupos são quase que inevitáveis, por influências de natureza diversa. Para tentar contornar períodos de menor entrosamento grupal, considera-se ter sido vantajoso o recurso pontual a estratégias centradas no lúdico, de forma a manter o grupo com níveis motivacionais susceptíveis de provocar mudança. Habitualmente as intervenções a nível da prevenção primária das toxicodependências têm procurado, e bem, ser sistémicas, envolvendo de forma directa o maior número de agentes e contextos onde o jovem se insere (a família, a escola, os amigos, etc.). A intervenção precon-

zada não envolveu directamente estes agentes, o que pode ser considerada pelos amantes das teorias mais ecológicas uma limitação da intervenção, no entanto, trabalhou estas dimensões com e no indivíduo, numa perspectiva facilitadora da adequação individual ao exterior.

Considera-se que a intervenção foi grandemente enriquecida por decorrer em contexto grupal. Apesar de se atender à individualidade e especificidade de cada elemento, o trabalho em *setting* grupal favorece a partilha de histórias de vida, de pontos de vista, de papéis, de afectos e encaminha para processos de auto-descoberta pelo feedback que emana do próprio grupo.

A presente intervenção não foi alvo da avaliação de resultados que habitualmente se realiza numa investigação científica. Na realidade, o projecto não nasce nem se desenrola com objectivos de investigação, nem tão pouco de investigação-acção. Após escolhido o Modelo do Psicodrama Moreniano, a ideia era exclusivamente de actuação e intervenção de acordo com uma avaliação *on-line*, no aqui e agora de cada sessão, de cada dramatização e de cada partilha. Pontualmente foram sendo avaliadas as expectativas de cada elemento relativamente às sessões e ao grupo, as percepções de mudança individual, as percepções pessoais do impacto do grupo no sujeito, através de jogos psicométricos e sociométricos.

Assumindo esta diferenciação metodológica, considera-se que a intervenção consubstanciou-se numa experiência muito relevante para o grupo de jovens do ponto de vista do crescimento pessoal e sócio-afectivo, reflectida, ao longo das sessões, num crescente respeito pelos colegas e pelas regras de funcionamento do grupo, numa crescente capacidade de sentir e pensar o outro, numa maior aptidão para verbalizar sentimentos e falar na primeira pessoa, num aumento da capacidade de avaliar situações e projectar o futuro. Considera-se que o processo de crescimento foi possível, fruto de um trabalho sistemático e continuado no tempo – fundamental para a produção de alterações a nível dos comportamentos; pelo facto da intervenção ter recorrido a estratégias lúdicas e centradas na acção, apreciadas por esta faixa etária e finalmente por se ter sustentado nos fundamentos teórico-práticos do Modelo do Psicodrama Moreniano, inquestionável na promoção de competências pessoais e sociais.

Contacto:

Joana Barroso Coutinho

Psicóloga

Unidade de Prevenção do Porto Norte do IDT

Rua Damião de Góis, 270 4050-223 Porto

E-mail:joanacoutinho@mail.pt

NOTAS

(1) Durante a dramatização, o director pode solicitar ao protagonista que “pense alto”. Neste momento a acção fica “congelada” para que o protagonista possa revelar o que estava a pensar e sentir no decurso da cena.

(2) Pode-se considerá-la a técnica mais importante e utilizada do psicodrama. Sempre que o director profere a palavra “troca” ou “inverte”, o protagonista deverá trocar de lugar com o ego auxiliar (com quem está a interagir). O Ego Auxiliar deverá repetir as últimas palavras ditas pelo protagonista, para que este possa dar continuidade à cena, agora no papel da pessoa que o ego auxiliar estava anteriormente a representar.

(3) No decorrer da dramatização, o director pode desejar que a cena se desenrole num sentido diferente do esperado ou sugerido pelo protagonista, dando, para o efeito, discretas instruções ao ego auxiliar. A interpolação de resistências realizada pelo ego auxiliar pode surpreender ou apanhar desprevenido o protagonista, testando dessa forma a sua espontaneidade.

(4) Através desta técnica é possível representar de forma estática o modo como se vê determinada coisa ou situação (ex. estátua da família). Habitualmente recorre-se aos elementos do grupo para auxiliarem na representação, que se deixam moldar completamente pelo protagonista e se mantêm na mesma posição. O protagonista, por indicação do director, poderá ocupar algumas das posições da estátua, efectuando inversões de papel e/ou solilóquios. A estátua resultante poderá ser simplesmente observada e comentada pelo protagonista, director e auditório. Esta técnica espelha a riqueza do psicodrama, para quem nem tudo tem que ser verbalizado. Para um psicodramatista uma imagem pode comunicar mais do que mil palavras.

(5) Quando o ego auxiliar se coloca diante do protagonista e o imita, nos gestos ou nas palavras, para que este se aperceba de determinados aspectos do seu comportamento ou atitude, que para os outros são óbvios, mas para si não são evidentes.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Abraão, I. (1999). “Factores de risco e factores protectores para as toxicodpendências: Uma breve revisão”. *Toxicodpendências*, 5 (2): 3-11.

Adler, H. (1991). “Problems of alcohol and other drug abuse in adolescents”. *Journal of Adolescent Health*, 12: 606-613.

Barbosa, L. (1995). *Trabalho e dinâmica dos pequenos grupos*. Porto: Edições Afrontamento.

Blatner, A. & Blatner, A. (1996). *Uma visão global do Psicodrama*. São Paulo: Ágora.

Brandes, D. & Phillips, H. (1977). *Manual de Jogos Educativos*. Lisboa: Moraes Editores.

Costa, A. B. (1998). *Exclusões Sociais*. Lisboa: Gradiva Publicações Lda.

Fritzen, S. J. (1981). *Exercícios práticos de dinâmica de grupos*. (Vol.1). Petrópolis: Editora Vozes.

Fritzen, S. J. (1981). *Exercícios práticos de dinâmica de grupos*. (Vol.2). Petrópolis: Editora Vozes.

Knappe, P.P. (1998). *Mais do que um Jogo. Teoria e prática do jogo em psicoterapia*. São Paulo: Ágora.

Melo, Raúl (2000). Metodologia de Intervenção na Prevenção Primária da Toxicodpendência. *Toxicodpendências*, Vol. 6 (1): 49-57.

Melo, Raúl (2000). “Os quês e os Porquês da Prevenção Primária da Toxicodpendência”. *Toxicodpendências*, 8 (2): 23-28.

Melo, Raúl (2000). “Os quês e os Porquês da Prevenção Primária da Toxicodpendência (Parte 2)”. *Toxicodpendências*, 8 (3): 69-75.

Monografia nº 19 (1990). *Comunidade Y Droga. Cuadros Técnicos de Estudios y Documentación*. Madrid: Ministério de Sanidad Y Consumo.

Monteiro, R. (1993). *Técnicas Fundamentais do Psicodrama*. São Paulo: Editora Brasiliense.

MORENO, J. L. (1959). *Psychodrama – Second Volume – Foundations of Psychotherapy*. N. Y.: Beacon House.

Pio de Abreu, J. L. (1992). *O Modelo do Psicodrama Moreniano*. Coimbra: Quarteto Editora.

Presidência do Conselho de Ministros (1999). *Estratégia Nacional de Luta Contra da Droga*. Lisboa: Projecto VIDA.

Sanchez, C. (2002). *Guía de Intervención: Menores y Consumos de Drogas*. Madrid: ADES.

Soeiro, A. C. (1991). *Psicodrama e Psicoterapia*, S. Paulo: Editora Escher.

Xiberras, M. (1996). *As Teorias da Exclusão. Para uma construção do imaginário do desvio*. Lisboa: Instituto Piaget.